
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

HELLEN PRISCILA MARTINS

**O USO DA ARTE CINEMATOGRAFICA E SUAS
VERTENTES DENTRO DA SALA DE AULA**



Rio Claro
2015

HELLEN PRISCILA MARTINS

**O USO DA ARTE CINEMATOGRAFICA E SUAS VERTENTES
DENTRO DA SALA DE AULA**

Orientador: *Prof. Dr. César Donizetti Pereira Leite*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Biociências da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau
de Licenciada em Pedagogia.

Rio Claro
2015

371.33 Martins, Hellen Priscila
M386 O uso da arte cinematográfica e suas vertentes dentro da
sala de aula / Hellen Priscila Martins. - Rio Claro, 2015
37 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (Pedagogia) -
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de
Rio Claro

Orientador: César Donizetti Pereira Leite

1. Materiais audiovisuais. 2. Cinema na sala de aula. 3.
Educação. 4. Aprendizagem. 5. Trabalho pedagógico. I.
Título.

AGRADECIMENTOS

À Deus, que está sempre me guiando e me mostrando os melhores caminhos a serem seguidos e que me abençoa em cada momento da minha vida.

Aos meus pais Cida e Nivaldo. Por serem meu alicerce e estarem sempre ao meu lado nessa caminhada. Obrigada por todo incentivo, força e amor.

Às minhas irmãs Michele e Bruna, que são meus exemplos de determinação para que eu nunca desista dos meus sonhos.

Ao meu namorado Joanan, obrigada por toda a ajuda, paciência e amor.

Às amigas da faculdade, em especial a Danielly Oliveira, a Thainara Bonfante Gasparini, a Rafaela Montanari e a Tatiane Salina por todos os trabalhos realizados, e principalmente pelos momentos de descontração e diversão.

Ao meu orientador, César Leite por ter aceitado me orientar neste trabalho, pelo exemplo de profissional e pessoa. Obrigada por todos os momentos compartilhados.

À todos os professores que participaram do meu processo de formação.

Desejo, que você tenha a quem amar
E quando estiver bem cansado
Ainda exista amor pra recomeçar
(Frejat)

RESUMO

Dentro do campo educacional percebemos que aumentam cada vez mais as possibilidades e formas diferenciadas de se utilizar ferramentas “não comuns” na sala de aula. Podemos dizer que as artes visuais, imagens, fotografias e filmes são cada vez mais utilizados pelos professores. O presente trabalho tem como objetivo identificar se essas ferramentas são utilizadas corretamente, e se de fato é possível dizer que realizar um trabalho pedagógico com imagens e filmes contribui positivamente para aprendizagem das crianças, bem como verificar de que forma se dá essa aprendizagem.

Palavras – chave: Aprendizagem. Cinema. Trabalho pedagógico.

ABSTRACT

Within the educational field we can identify an increasing number of possibilities and different ways to use unusual tools in the classroom. Teachers have used much more visual arts, pictures, photographs and films. This work aims to verify whether these tools are used properly, confirming if pedagogical activities with images and movies contribute positively to children's learning and ultimately how such learning takes place.

Keywords: Learning. Cinema. Pedagogical work.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 O USO DE FILMES E ARTES VISUAIS NA SALA DE AULA.....	12
2.1 Cinema: um pouco de sua história.....	12
2.2 Roquette Pinto e sua fixação por educação.....	16
2.3 O cinema como instrumento em sala de aula.....	17
3 CINEMA: ARTE E CULTURA.....	21
3.1 Cinema: uma explosão de emoções e saberes.....	21
4 CINEMA E APRENDIZAGEM.....	27
4.1 Como é essa relação?.....	27
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS.....	34

1 INTRODUÇÃO

A educação, ou mais amplamente falando a forma de se adquirir conhecimento não está relacionada somente com o ambiente escolar. Em todos os lugares e na sociedade em geral podemos de alguma forma perceber algo que se refira ao conhecimento e a aprendizagem, através desse conceito Leite afirma que:

Definirei, grosso modo, educação como todo processo em que seres humanos se relacionam, e que neste relacionar-se se fazem se transformam. Desta forma, educação pressupõe um espaço de relações humanas onde palavras, sentidos, afetos, corpos, pessoas, se posicionam, marcam lugares, definem ações e se encontram. Neste sentido, nos educamos nas escolas, nas famílias, nas ruas, nos bares, nas Igrejas, no cotidiano. A educação em nossa cultura ocidental, moderna, acabou, institucionalizou e ganhou os contornos dos muros das escolas e de nossas casas. (LEITE, 2007, p.7)

O cinema, e mais amplamente as artes visuais em geral, fazem parte da vida e do cotidiano da maior parte dos cidadãos. O cinema, mais especificamente os filmes, tem como característica contar histórias, sejam elas verdadeiras ou não. Muitas vezes os filmes são utilizados como ferramentas de ensino nas escolas, geralmente por atrair maior curiosidade e interesse dos alunos. Habitualmente os filmes utilizados pelos professores são de histórias reais, ou enfatizam algum período ou tema que está sendo ou será estudado. O cinema tem o objetivo de entreter e também de transformar, sobre isso:

A mágica é também um procedimento onde apagam-se os limites entre a fantasia e a realidade. [...] o cinema é a maior operação mágica que os homens inventaram. É a mágica industrializada, oferecida para amplo consumo e detonadora das mais fabulosas fantasias. Pela mágica do cinema, o mundo fica maior, nossos limites se expandem e nos tornamos mais que humanos, uma vez que criamos seres e acontecimentos inexistentes. Se o cinema, como produto, se assemelha a uma operação mágica pelos feitos que produz e pela ocupação do processo de produção desses feitos, o filme Woody Allen, A Rosa Púrpura do Cairo, é um elogio especial à operação mágica do cinema. Em toda operação mágica há elementos que distraem o espectador enquanto se realiza a transformação desejada (LAZARO, 1998, p. 159).

A sociedade vive atualmente vinculada à informações visuais, a partir disso Fabris (2008) diz que “Na contemporaneidade, imersos numa cultura da imagem, alguns desses aprendizados ocorrem com naturalidade. No entanto, assistir a um filme, seja para entreter-se com ele, seja para analisá-lo, pressupõe aprendizagens específicas” (p.118), ou seja, há aprendizagem quando se assiste ou analisa um filme, os professores tem pretensões específicas na maioria das vezes ao utilizarem esse recurso em suas aulas.

As formas e meios de ensinar foram mudando e se atualizando com o passar do tempo através da necessidade de se tratar a educação e a aprendizagem de formas diferenciadas, pois as tecnologias não param de evoluir e estas por sua vez podem e devem ser aproveitadas, incluídas e compartilhadas dentro da sala de aula. Na maioria das vezes, os filmes, quando utilizados e expostos em sala de aula, têm grande aceitação em relação aos alunos, pois foge das aulas rotineiras e muitas vezes cansativas pela grande quantidade de conteúdos a serem expostos. Sobre esse método Abud (2003) fala que “[...] filme é mais utilizado como um substituto do texto didático ou da aula expositiva, ou é ainda considerado uma ilustração que dá credibilidade ao tema que se está estudando.”(p.189), através da utilização de filmes, a aula se torna mais interessante diante do olhar dos alunos, também a aprendizagem ocorre de forma mais natural e a liberdade de pensamento se torna mais presente, pois cada um enxerga e sente o filme de forma única.

A arte cinematográfica possibilita novos conceitos e modelos de aprendizagem, fazendo com que os alunos façam suas próprias associações e obtenham pensamentos críticos sobre os temas estudados, Abud (2003) afirma que “[...] o cinema cria possibilidades de construção de conhecimento histórico escolar, pois o filme em sala de aula mobiliza operações mentais que conduzem o aluno a elaborar a consciência histórica[...]” (p.183).

Outra característica do uso do cinema como ferramenta de aprendizagem dentro da sala de aula é que não se aprende necessariamente somente sobre o tema ou assunto que está sendo estudado. O cinema também possibilita ao aluno uma formação cultural ampla, faz com que ele veja e conheça outros tipos

de sociedades, períodos históricos e assim por diante. Cada aluno enxerga e reflete sobre o filme de forma diferente, possibilitando assim um debate rico em opiniões e visto em ângulos diferenciados sobre o tema. Sendo assim, acontecem vários tipos de aprendizados, sendo esse o principal objetivo pelo qual o cinema é utilizado dentro do ambiente escolar.

Pensar na utilização de filmes e ferramentas audiovisuais que possam auxiliar os educadores dentro da sala de aula é importante, pois cada vez mais as novas tecnologias fazem parte do cotidiano dos cidadãos, principalmente dos jovens estudantes. O uso dessas ferramentas faz com que os alunos sintam-se mais interessados e envolvidos com os conteúdos e temas abordados em sala de aula, ou simplesmente pelo prazer de conhecer, sentir e pensar sobre histórias, pessoas e lugares.

O presente estudo foi desenvolvido por meio de pesquisa qualitativa, de levantamento e análise bibliográfica. Para Gil (2002) “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (p. 44). Existem vantagens em se realizar trabalhos a partir de pesquisas bibliográficas, e sobre isso Gil (2002) fala que “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (p.45). Ou seja, muitas vezes o pesquisador não dispõe de tempo e de recursos suficientes para a elaboração e outro tipo de pesquisa. Assim, a pesquisa bibliográfica é um dos únicos recursos a serem utilizados quando a pesquisa, por exemplo, se refere a acontecimentos e períodos históricos.

Portanto, para este trabalho, em um primeiro momento foi realizada uma pesquisa bibliográfica para a coleta de referenciais teóricos, os quais foram utilizados no decorrer da pesquisa. Para realizar o levantamento de informações foram coletados artigos científicos, de acordo com os descritores: cinema, aprendizagem, recursos visuais - esse devendo estar presente como palavras-chave ou constarem no título do artigo. Foram utilizados também, para coleta de

informações, livros que se referem ou dialogam com o tema abordado no trabalho.

Após o levantamento bibliográfico foi realizada uma análise qualitativa sobre o uso do cinema e suas vertentes no ambiente escolar, mais especificamente dentro da sala de aula. Nesse estudo será observado e analisado como são utilizadas essas ferramentas, se há de fato aprendizagem e de que forma ela ocorre. A pesquisa se restringiu ao estudo dos recursos cinematográficos utilizados no âmbito escolar, e de que forma esses recursos possibilitam a aprendizagem dos educandos.

O trabalho foi estruturado da seguinte maneira: No primeiro capítulo é apresentado o uso do cinema na sala de aula, posteriormente explicitado e caracterizado o uso do cinema como instrumento de ensino e educação voltado para o conteúdo programático e didático. Será tratado também no segundo capítulo o uso do cinema como artifício e sinônimo de arte e cultura. O terceiro capítulo trata da relação entre o cinema e aprendizagem e de que forma ela se dá. Por fim são apresentadas as considerações finais.

2 O USO DE FILMES E ARTES VISUAIS NA SALA DE AULA

Neste Capítulo será tratado brevemente sobre a história da relação do cinema e a educação, como e onde surgiram as primeiras ideias e tentativas de se utilizar o cinema na sala de aula como um instrumento didático voltado para conteúdos específicos e pré-estabelecidos.

2.1 Cinema: um pouco de sua história

Quando o cinematógrafo chegou ao Brasil, por volta de 1885, a utilização da imagem já vinha ganhando espaço e se tornando um importante instrumento de ensino. Ao longo dos anos a utilização desse recurso foi se disseminando, segundo Duarte e Alegria (2008, p.62):

Com a popularização da imagem-técnica e dos novos processos de impressão e reprodução de fotografias e ilustrações a sala de aula e o material didático foram invadidos por figuras. O cinematógrafo veio somar-se a essa tendência, como uma promessa para tornar as lições mais interessantes e eficazes.

No Brasil o pioneiro, ou seja, quem acreditou, formulou e expandiu o cinema educativo foi Roquette Pinto a partir de 1910. Ele criou uma filmoteca dentro do Museu Nacional, onde os primeiros cinematografistas brasileiros puderam produzir seus primeiros filmes, porém, somente duas décadas depois, por volta do ano de 1930, que as primeiras instituições escolares reconheceram a importância e as possibilidades educativas que o cinematógrafo e o filme poderiam agregar à sala de aula. Para chegar a esse momento muitos estudos e debates aconteceram e, segundo Duarte e Alegria (2008, p.63), alguns merecem destaque, como as abordagens de Jonatas Serrano em 1912 e 1917 e também de Venerando da Graça, em 1916 e 1918, que abordavam o uso do cinema na sala de aula como instrumento para educação. Durante a década de 1920 muitos debates aconteceram e a intenção era “sistematizar o uso regular desse tipo de filme na instrução e na educação” (Duarte e Alegria, 2008, p.64). Segundo os autores, nesse período “a cinematografia passou a ser entendida como uma promessa de solução rápida para a árdua tarefa da educação dos

brasileiros e, em decorrência, como um caminho fácil para superar a incapacitação do povo para se comunicar e entrar em contato com o resto do mundo”. Posteriormente um fenômeno ocorreu, pois foi “a partir dos esforços dos educadores engajados com a cinematografia educativa, esta passou a interessar outros segmentos sociais e a integrar políticas públicas para a educação nacional” (Duarte e Alegria, 2008, p.65 e 66). No entanto, ou, talvez por isso, muito da ideologia da educação a partir do cinema era pautada por censura do estado sobre a população, pois, na época, o Brasil passou a viver sob a ditadura Vargas, o chamado Estado Novo. Segundo a pesquisadora Catelli (2005, p.3-4), a dificuldade da implementação dessa abordagem estava em separar o que era educação do que era propaganda social ideológica, e as duas coisas muitas vezes eram confundidas, uma vez que boa parte da intenção governamental era formar e educar a sociedade ao seu modo. A autora (2005, p.3 e 9) afirma que o Estado, por conta das ações de comissões e conselhos, insistia em censurar as imagens dos filmes, algumas vezes filmes inteiros, evitando assim a má influência deles sobre a população. “Essas propostas de um cinema educativo foram implementadas a partir das reformas educacionais que ocorreram em diversos estados brasileiros no final dos anos de 1920, e em 1937, no Estado Novo, foi criado o Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), sob a direção de Roquette-Pinto” (Catelli, 2005, p.1). Essa foi a origem do INCE, órgão do governo que, em tese, incentivaria a cultura do cinema e o seu desenvolvimento no País, mas que, na prática, acabou por delimitar o acesso e o próprio desenvolvimento desse nicho, restringindo e muito o desenvolvimento nacional a ele próprio. Isso ficou explícito através de um decreto do governo Vargas que restringia o uso do cinema, uma vez que “o texto legal determinava as regras e as condições de existência para o cinema educativo no país ao tratar da nacionalização do serviço de censura dos filmes cinematográficos” (Moreira, 2002, p.5-6). Mais profunda e descritivamente, Duarte e Alegria (2008, p. 67) tratam o assunto com certa visceralidade:

Como a principal demanda vinha dos educadores, o órgão inicialmente encarregado de realizar a censura de filmes em âmbito nacional foi o Ministério da Educação e Saúde Pública, como reza o art. 2º do Decreto. Ficou garantido

que a censura cinematográfica deixaria de ser atribuição da polícia local, exercida sem regras e princípios, ao gosto do delegado de polícia, do pároco ou do prefeito, para ser um serviço nacional sob responsabilidade de um governo envolvido com a educação da população. Após cada visualização de filme, a Comissão de Censura decidiria: se o filme poderia ser integralmente exibido ao público; se deveria sofrer cortes; se deveria ser classificado, ou não, como filme educativo (caso em que seria beneficiado por incentivos fiscais); se deveria ser declarado como impróprio para menores; se a exibição deveria ou não ser inteiramente interdita. Na lista das razões para a interdição de determinados títulos, encontra-se um conjunto de tópicos já bem conhecido: a ofensa ao decoro público; a capacidade de influenciar e provocar sugestão para os crimes e maus costumes; as alusões que prejudiquem a cordialidade na relação com outros povos; os insultos a particulares e a coletividades; o desrespeito a credos religiosos; o prejuízo à dignidade nacional e os incitamentos contra a ordem pública, as Forças Armadas e o prestígio das autoridades e seus agentes.

Apesar de uma das intenções ser a de levar conhecimento a analfabetos e gente que estava chegando às grandes cidades, além de instruir e transmitir cultura à população em geral, a censura causou entre os pesquisadores do cinema brasileiro um desdém pelo período em que o INCE funcionou, e ele não é visto com bons olhos, exatamente por conta do modo como o órgão tratava oficialmente a questão da cultura. Catelli (2005, p.5 e 6) aponta o fato ao abordar o levantamento sobre a carreira de um dos grandes nomes brasileiros da área, uma vez que nem mesmo Humberto Mauro, um dos maiores vídeo-documentaristas da história do País, escapou de certo desprezo. Mauro coordenou o INCE durante muitos anos consecutivamente, ficando mais de trinta anos no instituto e, durante o período em que esteve empossado, produziu diversos documentários para a instituição. Com exceção de alguns filmes, seu trabalho para o governo é levado, quando abordado por pesquisadores, apenas como um momento histórico, mas pouco relevante para o cenário cinematográfico brasileiro. E como fica a questão do cinema educativo, nesse cenário? Durante os anos de 1920, um movimento que ficou conhecido como “Escola Nova” debateu e analisou como a educação poderia ser modernizada e conseqüentemente também a sociedade, conforme ilustra Catelli (2005, p.10) “Vigorava a ciência como procedimento de inovação, como a psicologia e a

pedagogia. Pretendiam ser identificados com o florescimento de uma sociedade capitalista, liberal e de livre-mercado no Brasil”. Fundamentalmente esse movimento visava maneiras de educar o cidadão comum, modificar modos de agir da sociedade, e uma das ferramentas era o cinema. “O modelo escolanovista desdobrou-se num projeto bem mais amplo de reeducação da sociedade, pela transmissão de modos de comportamento” (Catelli, 2005, p.10). Portanto, para a autora (2005, p.11) há dois tipos de cinema, nesse caso. “Um cinema que educa e outro que deseduca, entre um cinema perturbador da formação sadia das crianças e outro que seria agente da educação nacional, patriótica e dos padrões culturais”. Portanto, o cinema educativo era visto como um modulador social, pois ele “não se restringe exclusivamente às ações desencadeadas nos bancos escolares. A visão com relação à educação possui uma abrangência maior, e por isso o cinema é posto como um fator de educação e como um elemento civilizador da sociedade brasileira” (Catelli, 2005, p.11). Além do cenário instalado por pesquisadores, educadores e o debate com os representantes do estado, segundo Duarte e Alegria (2008, p.66), os produtores de filmes nacionais também encabeçaram a discussão, pois procuravam produzir seus próprios filmes para competir com os estrangeiros, e viram no apoio do governo e na isenção de impostos uma grande oportunidade, e deram suporte para que os projetos pudessem ser levados a cabo, e no início dos anos 1930 já existia a Associação Cinematográfica dos Produtores Brasileiros (ACPB). Dessa maneira a base organizada para o desenvolvimento do cinema social-educativo brasileiro estava completa e o projeto estruturado e iniciado.

Em face do exposto, somos levados a supor que o propósito de fazer uso do cinema como instrumento para educação escolar das massas analfabetas tenha sido compartilhado, desde o início, por educadores, produtores de cinema e gestores públicos e que esse consenso pode ter ajudado a configurar o que estamos definindo como “uso instrumental” de filmes em projetos educacionais. (DUARTE E ALEGRIA, 2008, p.69)

2.2 Roquette Pinto e sua fixação por educação

Apesar do ponto de vista inflexível e doutrinador para o cinema a partir do governo durante a ditadura Vargas e posteriormente com a atuação do INCE, Roquette Pinto foi figura fundamental para o desenvolvimento do cenário, que tentava colocar cinema e educação como uma coisa única, em prol da sociedade. Para Moreira (2002, p.2), Roquette Pinto se preocupava profundamente com o que chamou de “incultura do povo brasileiro”, fato que, para ele, encontraria solução na mídia educativa disponível na época, o rádio e o cinema, por serem mídias de fácil acesso a todos e de fácil assimilação de conteúdo. Com isso Roquette Pinto contava que suas iniciativas o ajudariam a combater o analfabetismo (Moreira, 2002). Acumulando um grande número de experiências através de viagens por todo o território nacional que resultaram em livros e estudos científicos, ele tinha um ideal realmente educador para as pessoas. “Roquette Pinto participou ativamente das iniciativas que resultaram na formação de uma rede de mídia educativa no país, em parte como consequência natural da experiência de conhecer o interior brasileiro” (Moreira 2002, p.3). Roquette Pinto foi o idealizador do rádio popular no Brasil (Moreira 2002, p.1), momento conhecido entre os estudiosos da área como radiofusão, na década de 1920, quando fundou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, pioneira no Brasil. Após essa vivência, o educador instaurou uma das primeiras experiências, embora não oficial, de educação à distância no País (Moreira, 2002, p.3), através da Rádio Escola Municipal. As aulas eram ministradas via rádio, e os “alunos” enviavam trabalhos para a emissora por meio de cartas, durante a década de 1930. Metodologia sem dúvida inovadora, principalmente para a época em questão. E ainda segundo a autora (2002, p.5), com o passar do tempo, entre as metas de Roquette Pinto estava a de que cada escola no País possuísse ao menos um aparelho de rádio, (hoje em dia é possível traçar um paralelo tanto para aparelhos de televisão quanto para os multimídia), meta pela qual lutou até o final, e, aparentemente, alcançou.

2.3 O cinema como instrumento em sala de aula

Uma das primeiras iniciativas de avaliar os efeitos no cinema vem das observações obtidas pelo professor Gastão Strang em 1912 (DUARTE E ALEGRIA, *apud* ALMEIDA, 2008, p.64).

Levamos, certa vez, cerca de 60 meninos ao cinema local, que anunciava a exibição de uma das películas em que aparecem muitos cavalos e se disparam muitos tiros... No dia seguinte, qual não foi meu espanto quando, no recreio, deparei com uma porção deles a imitar as cenas de aventuras dos cangaceiros da tela? Resolvemos então, em vista disso, por curiosidade, dar em aula um trabalho escrito em que os alunos deveriam, com toda a liberdade de ação, reproduzir as impressões da fita a que haviam assistido. O resultado que obtive, estudando através do escrito a alma impressionável da criança, foi o seguinte: sensíveis 7; indiferentes 16; com tendências mórbidas 37. Confrontando, mais tarde, esses resultados com as informações sobre o temperamento dos meninos que nos forneceram os respectivos pais, a conclusão final da experiência constitui uma prova de que fora extrema, nesses pequenos, a impressão [provocada pelo filme].

Nesse mesmo sentido outro dado importante foi levantado por Duarte e Alegria (2008, p.73), que, ao entrevistar cerca de 800 crianças, perceberam que os filmes estavam entre os três programas televisivos mais vistos por elas em suas casas, ao lado de desenhos animados e telenovelas. Os pesquisadores também perceberam que a grade de transmissão aberta da televisão exhibe, se juntados todos os canais, mais de trinta filmes a cada semana. Ou seja, o acesso ao mundo do cinema comercial é fácil e rápido para qualquer pessoa. Outra observação interessante nesse sentido, é o que Duarte e Alegria (2008, p.70) chamam de “videófilos”, que nada mais é do que a progressão natural dos cinéfilos. No entanto, segundo os pesquisadores, para os videófilos o que mais importa é estar atualizado quanto aos lançamentos considerados mais importantes, bem como os atores famosos e as grandes produções mundiais que levam milhões de pessoas às bilheterias. Ainda de acordo com os autores, essa categoria de amantes de filmes tem preferência por esse tipo de conhecimento em detrimento de conhecer movimentos estéticos, culturais,

contextos políticos e movimentos sociais que levam cineastas a criar suas obras. Essa constatação gerou uma experiência com crianças - 25 no total - entre sete e treze anos de idade e todas de baixa renda (DUARTE E ALEGRIA, 2008, p. 70 a 72). O estudo buscava entender qual a relação dessas crianças com o universo cinematográfico que é entregue ao grande público, uma vez que apenas uma delas havia visto um filme no cinema. O resultado foi que elas conheciam quase todos os filmes sugestionados, bem como seus enredos, personagens, atores, tanto de filmes nacionais quanto estrangeiros e classificaram todos como “filmes bons”.

Pedimos às crianças que dessem nota a cada um dos filmes cuja foto de capa era exibida na tela, que justificassem a nota e dissessem se indicariam aquele filme a um amigo da mesma idade e por quê. As respostas delas sugeriam uma indistinção entre os filmes: para elas, todos, rigorosamente todos os filmes que haviam visto eram bons, sem exceção, desde que tivessem ação e aventura, alguma cena engraçada, uma história divertida e, acima de tudo, final feliz (DUARTE E ALEGRIA, 2008, p.72).

Os filmes com muita ação e cenas violentas, segundo as crianças, não eram recomendáveis para “crianças pequenas”.

A partir dessas informações é possível notar a abrangência e a tamanha influência que os filmes exercem sobre as atitudes e sobre a imaginação das crianças. Portanto, é natural que uma das maneiras mais comuns e largamente escolhidas de utilização do cinema como prática de ensino é a instrumentalização em forma de objeto, como modo de instruir através de alguma ilustração como apoio de aulas e assuntos abordados pelo professor, pois o impacto visual é muito grande. Nesse sentido, o critério adotado por Duarte e Alegria (2008, p.69) é bastante promissor.

Entendemos como “uso instrumental” a exibição de filmes voltada exclusivamente para o ensino de conteúdos curriculares, sem considerar a dimensão estética da obra, seu valor cultural e o lugar que tal obra ocupa na história do cinema. Ou seja, se tomamos os filmes apenas como um meio através do qual desejamos ensinar algo, sem

levar em conta o valor deles, por si mesmos, estamos olhando através dos filmes e não para eles. Nesse caso, seguimos tomando-os apenas como “ilustrações luminosas” dos conhecimentos que consideramos válidos, escolarmente.

Ou seja, o cinema em sala de aula, enquanto instrumento, deve ser utilizado exatamente como complemento da aula, e não como a aula em si. Para Modro (2009, p.25-26), filmes têm o poder de ressaltar e levantar questões a serem debatidas e compreendidas, pois “elementos que são aparentemente banais e sem propósito podem passar a serem vistos de forma crítica”. A justificativa do autor (2009, p.23) para esse uso é que as escolas são as mesmas há séculos, com poucas tentativas de modificar a didática de ensino, apesar de isso estar ocorrendo vagarosamente. Além disso, para Modro (2009, p.24), “a força e a facilidade de leitura das imagens, sem dúvida alguma, pode ajudar a compreender melhor todo o contexto a que se refere a aula e aquilo que o aluno assiste na tela”. Nielson Ribeiro Modro é o idealizador do projeto Cineducação, em 2003, executado em Santa Catarina (MODRO, 2006, p.9-10) por meio da elaboração de análises e didáticas para a utilização de filmes em sala de aula para os mais diversos assuntos. E para que isso ocorra é necessário preparar o conteúdo previamente. O autor demonstra como isso pode ser feito fazendo valer algumas regras a serem observadas pelo professor antes de inserir o filme em suas aulas. Uma das regras, por exemplo, é que deve-se contextualizar o filme antes de sua exibição e preparar o público para o assunto a ser debatido posteriormente (2006, p.12 e 2009, p.25). Mas, Modro (2006, p. 13) também faz uma ressalva quanto a isso, e instrui que também há a possibilidade de adequar o filme à proposta escolhida, com a finalidade de que faça sentido, explicando, nesse caso, os objetivos buscados e os métodos utilizados para que o professor obtenha sucesso com a exibição. Um ponto delicado é levantado pelo autor (2006, p.13), quanto a temas polêmicos e o modo como devem ser encarados, quando necessário. “Que possam gerar controvérsias graves, como valores culturais, morais e religiosos. Discutir não implica em defender um outro ponto de vista específico, mas sim expor diferentes formas de pensamento, escutar outras formas de pensar e respeitar a todas, sem gerar conflitos”. Além de tudo

isso, também é possível lançar mão do ponto de vista utilizado durante a época Vargas, e “trabalhar a linguagem visual dos filmes explorando a possibilidade de interpretação de suas imagens, diálogos, reconstrução de períodos históricos, as marcas enunciativas, as relações pessoais e sociais, os possíveis valores morais e éticos, educacionais e didáticos” (MODRO, 2009, p.26).

Também é importante ressaltar que o filme não deve nunca substituir a própria aula, erro cometido algumas vezes por alguns professores, conforme alerta Modro (2009, p.28):

O professor que utiliza o vídeo como substituto de suas aulas. Em vez de dar a aula, coloca o vídeo e espera que o mesmo dê conta do recado sozinho. Acredita que o vídeo fale por si mesmo e que não é necessário mais nada. Sua função passa a ser um mero passador de vídeos. Aqui tem o conteúdo necessário e basta, acredita ele

Deve existir um cuidado com o conteúdo e exatamente por isso “o filme será então um estímulo para o assunto abordado e não um mero substituto deste” (MODRO, 2009, p.25). E o pesquisador ainda faz mais uma ressalva, quanto a isso:

Os objetivos ao trabalhar com filmes devem ser bem claros, e sempre voltados para a apresentação ou complementação de conteúdos. Se possível utilizar os temas de forma interdisciplinar, interligando com outras disciplinas e buscando a horizontalização na discussão dos assuntos abordados. Para isso, pode-se utilizar o conteúdo (enredo/ narrativa), a linguagem (verbal/ visual/ sonora), os aspectos técnicos, os temas e desdobramentos temáticos possíveis (MODRO, 2006, p.14).

No entanto, Duarte e Alegria alertam que esse modelo pode ser melhorado. “Superar esse modelo é fundamental para que possamos oferecer às novas gerações a formação de que necessitam para pensar e viver numa sociedade em que, parafraseando Artur Omar, boa parte das lutas é travada em torno da imagem” (DUARTE E ALEGRIA *apud* OMAR, 2008, p.70)

3 CINEMA: ARTE E CULTURA

Neste Capítulo trataremos o cinema como fomentador da arte e da cultura no ambiente escolar.

3.1 Cinema: uma explosão de emoções e saberes

Um sorriso de criança na tela e o jogo está ganho. Mas justamente o que salta aos olhos quando examinamos a vida é a gravidade da criança em relação à futilidade do adulto. (...) um filme de crianças pode ser elaborado encima de pequenos fatos, pois na verdade nada é pequeno no que se refere à infância. (TRUFFAUT, 2005, p.36).

Pensaremos aqui o cinema utilizado na escola não apenas e tão somente como algo didático e pedagógico, mas sim como um incentivador da criatividade, da cultura, da arte e da reflexão. Sobre isso Teixeira afirma que:

[...] o cinema deve estar na escola não como um conteúdo curricular e campo de especialidade de um professor, mas de outra maneira, em outra perspectiva, fugindo a racionalidade instrumental e conteúdos a serem aferidos e mensurados pelos profissionais especializados nisso e naquilo. Trata-se, ao revés de um encontro com o cinema como expressividade, como um largo horizonte de possibilidades que permitem a experiência estética [...](TEIXEIRA, 2010,p.14).

O cinema é um instrumento importantíssimo para a disseminação de outras culturas, outras histórias, outros pontos de vista, podemos relacionar o cinema como sinônimo de arte, sobre isso Amount (2004, p.144) diz que “O cinema é uma arte total que contém todas as outras, que as excede e transforma”.

As Artes visuais, em especial o cinema, proporcionam aos espectadores (no caso alunos e professores) a ampliação do olhar sobre diferentes assuntos, vai além dos conteúdos programáticos, faz pensar, criar hipóteses sobre aquelas imagens anteriormente vistas, e cada qual a sua maneira, enxerga, sente e se apropria do cinema e do que ele nos proporciona de forma singular, única, tornando assim a reflexão coletiva em sala de aula muito mais rica e com

horizontes abertos para que todo tipo de reflexão, argumentos e propostas sejam claramente incorporados a discussão sem necessidade de uma pauta previamente organizada, dando assim autonomia ao espectador e liberdade para que observe, sinta e crie. Ainda sobre a arte cinematográfica Fresquet (2007, p.2) nos diz que: “Concebe-se como uma arte do espaço e arte do tempo, arte da narrativa e da descrição, arte do diálogo e da arte musical, arte de dança e da postura escultural, arte do desenho e da cor”. Ou seja, o cinema tem a capacidade de incorporar e unir diversos tipos de arte, de diferentes culturas tornando-se assim uma obra completa e repleta de possibilidades.

A partir do momento em que se escolhe usar o cinema dentro da sala de aula, o educador torna-se também um espectador, alguém que está ali e também não sabe e não prevê o que vai acontecer, o que vai sentir e pensar, em relação a isso DEUS afirma que:

Ao assistirem um filme, não há uma relação que coloque os corpos de frente uns para os outros, espelhando o enfrentamento de quem sabe e de quem não sabe. Todos se colocam no mesmo sentido, de frente para a tela. Desse modo, o cinema na educação pode ser considerado como uma nova linguagem para a reinvenção da própria escola. (DEUS, 2014, p.3)

Ou seja, nessa situação o educador se coloca como igual perante a sala, ele é também o ser que não sabe o que vai acontecer e só a partir do que ele vir na tela e do que ele vier a sentir é que ele criará uma nova perspectiva, novas ideias, novos pensamentos, exatamente da mesma forma que acontecerá com os alunos, é nessa hora que o espaço se torna de fato um só, com as mesmas possibilidades para todos, pois nesse momento não há diferença de saberes e aprendizados, todos são exatamente iguais. Ainda sobre a utilização do cinema na educação DEUS nos diz que:

[...]poderíamos pensar no cinema na educação como uma pedagogia da diferença, ou pedagogia do não dito, do não explicado, do obscuro, da descoberta. Talvez essa seja a contribuição do cinema na educação, ou seja, ao esconder e revelar planos, cenas, ações e emoções o cinema aponta caminhos para a inversão da pedagogia da explicação. (DEUS, 2014, p.7)

Através das telinhas e telonas, ou seja, através dos filmes e animações, embarcamos em outro mundo, em uma nova atmosfera, em outra cultura, conhecemos e vivenciamos momentos e histórias nunca antes percebidos e sentidos, e é a partir desses momentos de magia e interação entre o espectador e o filme que o céu antes fechado e cheio de nuvens, agora se torna claro e luminoso, o sol brilha, sendo assim as ideias, os pensamentos e as novas descobertas surgem como um raio de sol e é nesse instante que a arte e o sujeito se fundem em um só e o espectador não será mais o mesmo, pois a cada nova experiência o sol voltará a brilhar, e novas ideias, novos pensamentos e novas descobertas surgirão, porém para que isso aconteça é preciso que lhe deem oportunidade e liberdade para sentir, pensar e criar. Sobre a relação entre cinema e educação Fresquet enfatiza que:

Os possíveis vínculos entre o cinema e a educação se multiplicam a cada momento, a cada nova iniciativa ou projeto que os coloca em diálogo. Fundamentalmente, trata-se de um gesto de criação que promove novas relações entre as coisas, pessoas, lugares e épocas. De fato, o cinema nos oferece uma janela pela qual podemos nos assomar ao mundo para ver o que está lá fora, distante do espaço ou no tempo, para ver o que não conseguimos ver com nossos próprios olhos de modo direto. (FRESQUET, 2013, p. 19)

Quando as experiências se dão a partir da arte e da cultura, o aprendizado será imediato, seja ele qual for, o indivíduo não será mais o mesmo, pois não se desaprende aquilo que se faz através de experiências, sobre isso Fresquet nos mostra que:

Desaprender é quase impossível, se entendido como “apagar” uma aprendizagem anterior. O sentido aqui sugerido não é o de borrar ou apagar, mas perceber sua marca e as pegadas que deixou, no tempo e espaço da nossa história de vida. A partir dessa percepção, nascerá um esforço de desaprender, de gerar novas re-aprendizagens que possam vir a acontecer com toda a fortaleza própria dos significados que não cessam de serem criados. O cinema é essencial para esse esforço. (FRESQUET, 2007, p. 49)

Ao proporcionar esses momentos dentro da sala de aula o professor estará de fato estimulando seus alunos a pensarem, refletirem e para que isso aconteça não é obrigatório e estritamente necessário que o professor já tenha um roteiro pronto, com perguntas e reflexões previamente elaborados, ao contrário, as mais profundas reflexões e pensamentos surgem a partir do sentir de cada um, pois um único filme se transforma em muitos, pois cada sujeito enxerga, sente e compreende a história de forma única e singular, tornando assim a experiência do contar, do compartilhar as ideias muito mais rica quando se comparado a um questionário pronto e a um conteúdo meramente didático.

A partir do momento em que se busca transformar a utilização do cinema na sala de aula em algo maior, que realmente tenha significado para os educandos, onde o cinema e as artes visuais não sejam encarados somente e tão pouco como instrumento de ensino, mas sim como arte, como algo a ser observado e admirado, está dando oportunidade para que os alunos/espectadores ganhem autonomia para explorarem, firmarem e reafirmarem suas ideias e opiniões, sendo assim Fresquet argumenta que:

A proposta de iniciar as crianças em um tipo de cinema não comercial, não tem qualquer relação com arrastá-las do lugar comum para outro lugar. Uma proposta da formação do gosto parte exclusivamente do encontro com a alteridade fundamental na obra de arte, como desconforto e o choque que ela provoca. (FRESQUET, 2013, p.49).

A arte por si só é algo que encanta, que nos mostra um novo jeito de olhar, de inventar e reinventar nossos conhecimentos e valores sobre as coisas. A arte e a cultura proporcionam a quem delas experimenta, um sabor de conquista, de ultrapassar barreiras, sobre a arte Coutinho nos diz:

A arte talvez seja a maneira mais completa e complexa de ensinar qualquer conteúdo, visão de mundo, experiência ou sentimento. Quais as razões para tal proposição? Contraditoriamente, a mais básica delas parece ser uma negação mesma desta proposição: uma verdadeira obra de arte não quer ensinar nada, não pretende convencer ninguém: ela apresenta experiências, sentimentos, pensamentos e valores, relativizados pela dialética dos personagens, que são essas experiências objetivadas; não determina maneira de ser e de

pensar, apenas propõe. Numa palavra: a arte é sua determinação em mostrar, e não em convencer, paradoxalmente termina por fazer dela uma atividade exemplar. (COUTINHO, 2013, p.19)

O cinema e a educação têm uma relação íntima quando observamos seu uso na escola e nas salas de aula, principalmente quando o cinema é utilizado como instrumento da arte e da criação, sobre isso Fresquet mostra que:

Nossa experiência nos revela que a potência da zona de fronteira entre o cinema e a educação é pedagógica, estética e politicamente fértil para aprofundar o conhecimento de si e do mundo. Quando isso acontece no espaço escolar, a possibilidade de desestabilizar certezas e questionar valores se torna uma experiência de ver e rever o mundo e o que temos aprendido nele. A lente da câmera parece circunscrever, recortar, aquilo que desejamos conhecer, marcada pelo ritmo do tempo. (FRESQUET, 2013, p.123).

Até aqui, falamos sobre o cinema observado, sentido e assistido, e por que não produzi-lo também em sala de aula? Essa é outra possibilidade muito atraente em se utilizar o cinema em sala de aula, não só observar a arte, mas também produzi-la, pode ser algo sedutor transformador para os alunos, sobre a utilização do cinema como algo a ser produzido e criado Fresquet aponta que:

[...] as novas tecnologias vêm produzindo uma pequena, embora significativa, revolução nas relações da escola com o cinema. A leveza e a simplicidade de operação de equipamentos e programas de edição, cada vez mais acessíveis em custo e uso, facilitam que o cinema penetre o espaço escolar a partir de diversas iniciativas de produção simples: curtas-metragens de animação e ficção; documentários; cinema-teatro; pequenas filmagens com celulares ou câmeras digitais de fotografia, para citar alguns exemplos. Essas produções pretendem aproximar, de um modo cada vez mais contundente, a experiência do cinema e a educação formal. (FRESQUET, 2010, p.204)

Podemos observar que existem inúmeras formas de se aproveitar e saborear o doce contemplar do cinema dentro das salas de aula, sem tornar esse uso algo instrumentalizado e tristemente trancafiado dentro de formas quadradas e cheias de conteúdo, podemos aprender com o cinema simplesmente e tão somente pelo fato de observar, de sentir prazer em observar,

de olhar a arte e ter o poder de levá-la para dentro de si. Ainda falando sobre a relação cinema/cultura e arte e cinema/ educação Napolitano afirma que:

Trabalhar com cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte. (NAPOLITANO, 2003, p.11).

Percebemos então que o cinema tem um grande repertório de possibilidades e de prazeres a serem explorados, e esses podem sim ser contemplados, admirados e vivenciados dentro da sala de aula, cabe também ao educador mediar essa relação entre o cinema e os alunos, para que todos, cada qual a sua maneira possa perceber, explorar, sentir e compartilhar a experiência única e arrebatadora que é a arte cinematográfica.

4 CINEMA E APRENDIZAGEM

Vimos anteriormente que através da utilização e do uso do cinema na sala de aula e no ambiente escolar como um todo, que existem vários tipos de aprendizado, sendo ele criado, compartilhado e vivenciado de diferentes formas, neste capítulo iremos enfatizar a relação e/ou os diferentes tipos de relações que existem entre o cinema e o aprendizado.

4.1 Como é essa relação?

A rápida evolução tecnológica ocorrida nos últimos anos tem como consequência uma participação cada vez mais crescente das mídias na vida das pessoas, culminando em uma nova forma de relacionamento na sociedade, onde o imediatismo é crescente e as distâncias físicas podem ser superadas de forma cada vez mais rápida, com apenas um click em frente à tela do computador, televisão, cinema, e até mesmo do celular.

A tecnologia está cada vez mais presente no cotidiano da sociedade como um todo, sem distinção de faixa etária ou classe social, e como reflexo disso, essa participação também se faz presente de forma crescente no dia a dia dos educandos, dentro e fora das salas de aula, sendo um desafio encontrar formas de tornar essa tecnologia uma aliada no processo de aprendizagem e não uma concorrente que desvia a atenção dos alunos.

Conforme Cipollini “crianças e adolescentes aprendem muito cedo a manipular aparelhos audiovisuais, a decifrar a linguagem das imagens e a vivenciar realidades virtuais” (2008, p. 18)

O acesso à informação está cada vez mais rápido e vasto, recebemos informações a cada instante e assim uma nova forma de aprendizagem se delineia, pois no atual cenário faz-se necessário aprender a filtrar e a questionar as informações recebidas, uma vez que podemos obter as mais variadas informações de diversas fontes diferentes, que nem sempre são confiáveis, ou possuem a responsabilidade de divulgar informações de forma correta.

Para as escolas e educadores, o desafio é incorporar essa nova forma de aquisição de conhecimento ao processo de ensino-aprendizagem de forma a contribuir para a aquisição de conhecimento pelo educando, para Cipolini “é impossível ignorar a importância da comunicação imagética, de forma positiva ou negativa, na transmissão de informações e na construção do conhecimento” (2008, p. 17).

Nessa nova realidade que estamos vivenciando, fica cada vez mais complexo conseguir a atenção dos alunos, as aulas expositivas, onde o professor coloca a matéria na lousa e os alunos copiam em seus cadernos já não são tão eficazes, uma vez que os alunos estão acostumados a interagir o tempo todo.

Nesse sentido, o cinema, enquanto ferramenta midiática é um importante aliado no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que traz a tecnologia para o processo didático, na busca de uma nova forma de desenvolver e aprimorar o entendimento do aluno acerca de determinado assunto uma vez que prende a atenção de quem está assistindo o filme, além de propiciar a troca de idéias a respeito da reflexão de cada expectador acerca do que foi visto. Segundo Castro, Pereira, Luíndia:

A dinâmica e o encantamento propiciados pelo cinema envolvem os jovens potencializando a capacidade de entendimento acerca de determinado conteúdo, seja ele pautado no âmbito das disciplinas escolares ou de uma forma mais abrangente, a fim de compreender a sociedade. (2011, p.2)

Para Cipolini, “seja como veículo de ilustração ou como forma de introduzir novos assuntos, o filme é considerado um meio de enriquecer o conteúdo programático, de dinamizar as aulas e de tornar o cotidiano escolar menos cansativo para professores e alunos.” (2008, p. 22)

As escolas estão cada vez mais equipadas com computadores, televisores, DVDs, salas de vídeo e projeção, porém nem sempre todo esse equipamento se traduz, de fato, em uma inserção da mídia no processo

educativo, bem como, quando há sua introdução, não se sabe se isso realmente é feito de forma adequada para favorecer a incorporação do conhecimento por parte do educando e não apenas como forma de lazer e entretenimento dentro do ambiente escolar.

Para Cipolini “A reprodução de filmes *per se* não é suficiente para se afirmar que a escola utiliza o cinema de forma adequada; há que se constatar com que objetivos, com que frequência, em que situações, de que forma, que reflexões são forjadas a partir da sua utilização, e principalmente quais os resultados atingidos.” (2008, p.19)

O grande desafio que se apresenta está na forma de utilizar o cinema enquanto ferramenta didática de auxílio no processo de ensino-aprendizagem em contraponto à forma como comumente é utilizado, como mecanismo de entretenimento. Para Castro, Pereira, Luíndia:

Apresentar um filme sem estabelecer previamente o argumento a ser lido no filme, relacionando com o assunto em sala de aula, ou até mesmo num contexto mais abrangente é usar de forma vazia o cinema, tão somente pelo entretenimento que não é negativo, porém entende-se que deve ser conciliado com um olhar mais apurado e consciente em relação à mídia em si. (2011, p.4)

A utilização de filmes na sala de aula, de forma geral é feita como forma de introdução de determinado conteúdo ou ainda apenas como possibilidade de apresentar determinado assunto de forma rápida, fazendo com que os educandos possam ter pelo menos uma vaga ideia do que se trata um determinado tema, isso ocorre normalmente devido à falta de tempo para apresentar de forma mais completa o conteúdo, ou ainda por escolha por parte do professor, de acreditar que determinado tema não é tão importante e, portanto não é necessário despender muito tempo em sua explanação.

Para Cipolini:

A utilização do cinema pela escola não pode se restringir à ilustração de conteúdos ou se dar de forma fragmentada, pois o filme, assim como o conhecimento histórico, é um processo que

comporta uma pluralidade de interpretações e é uma construção imaginativa a ser pensada e trabalhada incansavelmente. (CIPOLINI, 2008, p.26)

Sendo o filme, um instrumento capaz de prender a atenção de quem está assistindo, fazer refletir sobre o que está sendo visto, utilizar o cinema apenas como forma de apresentar de maneira superficial determinado conteúdo é não utilizar todo o potencial desta ferramenta.

Todo filme é educativo, posto que é uma (re)construção da realidade a partir de um determinado ponto de vista e contexto; todo filme pode ser analisado como documento histórico e uma forma de interpretação da realidade, mas não basta entender apenas a história do filme, cabe também entender a emoção que provoca; o seu valor pedagógico pode estar em se deixar penetrar pelo filme. Se a escola utiliza-lo de forma adequada, teremos no cinema um recurso fantástico de construção do conhecimento. (CIPOLINI, 2008, p. 49)

Neste sentido, o professor possui um importante papel nesta relação, uma vez que tem a responsabilidade de agir como mediador neste processo, transformando o ato cotidiano de assistir à um filme, em uma experiência que transcende o que se está sendo visto na tela, guiando os alunos para que sejam capazes de interpretar e transportar aquela realidade que está sendo retratada para outras situações reais.

Segundo Cipolini, para que o professor possa fazer essa mediação é necessário que ele aprenda a “ler” o filme,

(...) o filme explícita ou implicitamente transmite valores, ideologias, “leituras” de mundo, representações da realidade e para tanto utiliza uma linguagem que lhe é específica e que o professor deve saber decifrar. (Cipolini, 2008 – p.20)

O papel desempenhado pelo professor neste processo é de suma importância, dessa forma faz-se necessário que o mesmo seja capaz de conhecer a linguagem cinematográfica.

O professor, apesar de ter um papel de grande relevância não é o único agente envolvido neste processo, uma vez que desenvolve seu trabalho em uma instituição de ensino. Sendo assim, devemos pensar não apenas no papel do professor, mas também no papel da escola na forma como a linguagem cinematográfica é inserida no processo de ensino-aprendizagem e se realmente ela é inserida.

Conforme relatado por Cipolini:

Atualmente, não há uma lei no ensino que determine a obrigatoriedade de as escolas criarem condições para a utilização do cinema, seja como instrumento didático, seja como objeto de conhecimento, como uma manifestação artística ou simplesmente como entretenimento; a Lei de Diretrizes e Bases – documento que rege o Ensino Médio e Fundamental desde 1996 – não faz nenhuma referência ao uso do cinema como recurso ou como objeto de conhecimento. (2008, p. 44)

O simples fato de os equipamentos estarem disponíveis para utilização nas salas de aula não se reflete em garantia da utilização do recurso audiovisual na prática educativa.

(...) Para que esta relação entre cinema e educação seja produtiva, não basta equipar as escolas e criar espaços para utilização desses equipamentos. No cotidiano escolar esta relação se concretiza à medida que os alunos atuam nesses espaços, estabelecem interações e constroem relações e significações a partir da utilização do cinema. (2008, p. 96)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa podemos compreender que as artes visuais e mais especificamente o cinema pode e deve ser utilizado dentro da sala de aula. Compreendemos também que este é usado de diferentes e variadas formas, muitos utilizam o cinema somente como instrumento de ensino, com conteúdos específicos e pré-definidos, utilizam os filmes como uma forma de instrumento para abordarem temas que já estão previstos e obrigatoriamente devem ser inseridos na sala de aula por estarem na grade e no currículo escolar, não que o cinema não possa ser utilizado dessa forma, porém está muito aquém do que ele pode proporcionar aos que dele experimentam quando pensamos nas ricas e diferentes oportunidades que o cinema proporciona quando o relacionamos diretamente a cultura e a arte, sem nos preocuparmos com um conteúdo específico.

Através deste estudo podemos identificar que quando conhecemos o cinema e compreendemos sua real capacidade de fazer sentir, refletir e criar percebemos que:

O cinema não se encontra na escola para ensinar algo a quem não sabe, mas para inventar espaços de compartilhamento e invenção coletiva, colocando diversas idades e vivências diante das potências sensíveis de um filme. (MIGLIORIN, 2010, p.108)

Como foi abordado e explicitado durante todo o decorrer do trabalho, várias são as formas de se utilizar, contemplar e compartilhar o cinema na sala de aula, diante de todas essas informações e aprendizados Migliorin (2010, p.108) afirma que “O cinema não pede nada, apenas se aconchega nas capacidades sensíveis dos sujeitos comuns. Para ser um espectador de cinema, a igualdade e a possibilidade de fruição é anterior a qualquer hierarquia.”

A forma como o educador usa o cinema, também é bastante importante para o processo de conhecimento e principalmente compartilhamento de conhecimento, pois:

Ensinar com o cinema passa, justamente, por um “não saber” das partes que se preparam para o acontecimento, ou seja, para

a invenção intempestiva consigo e com o outro, com as imagens, mundos e conexões que o cinema nos permite, nos autoriza. (MIGLIORIN, 2010, p.107)

Ou Seja, o professor deve estar disposto a compreender, sentir e refletir juntamente com seus alunos, pois ele não sabe o que acontecerá e quais ideias e reflexões surgirão a partir do filme assistido, neste caso as descobertas e aprendizados serão vivenciados tanto pelo professor quanto pelos alunos, tornando a experiência única e cheia de descobertas conjuntas.

O estudo nos mostrou que o cinema nos proporciona várias e diferentes formas de se aprender, compreender e vivenciar coisas de diferentes culturas, e dessa forma restabelecer novos pensamentos e ideias sobre determinados assuntos e acontecimentos, sobre isso Migliorin (2010, p.106) afirma que “O cinema é um relacionar-se com o mundo que mais interroga, vê e ouve do que explica”, talvez seja por isso que o cinema encanta, deslumbra, pois afinal dentro dele e através dele existem milhares de possibilidades que estão diante de nossos olhos, basta apenas mergulharmos neste mundo.

Este trabalho foi fundamental para compreendermos e aprendermos um pouco mais sobre o uso de filmes e imagens em geral dentro da sala de aula. Por fim, é importante ressaltar que o trabalho aborda questões pertinentes a utilização e principalmente a reflexão do uso do cinema no ambiente escolar

Assim sendo, espera-se que este trabalho possa auxiliar novas pesquisas acerca deste tema, e que sirva de suporte para os que buscam mais informações a respeito do uso das artes cinematográficas na sala de aula.

O que talvez o cinema tenha para ensinar seja a sua essencial ignorância sobre o mundo, ponto exato em que criação e pensamento se conectam. É no âmago de sua ignorância que as imagens nos demandam, não necessariamente como eu ou você, mas como parte de uma humanidade pensante. (MIGLIORIN, 2010, p.106)

REFERÊNCIAS

ABUD, K. M. **A construção de uma Didática da História: algumas ideias sobre a utilização de filmes no ensino.** São Paulo, v. 22,n.1,p.183 - 193,2003.Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v22n1/v22n1a08.pdf>> Acesso em: 26/12/2013

AUMONT, J. **As teorias dos cineastas.** Campinas, São Paulo: Papirus, 2004.

CASTRO, M. PEREIRA, A. LUÍNDIA, L. **Cinema como ferramenta de ensino: entretenimento e fruição, por um cinema inteligente.**Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte. Boa Vista/RR, 2011.

Disponível em: <http://intercom.org.br/papers/regionais/norte2011/resumos/R26-0055-1.pdf> .

Acesso em: 19/08/2015

CATELLI, Rosana Elisa. **O cinema Educativo nos anos de 1920 e 1930:algumas tendências presentes na bibliografia contemporânea.** Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 12, p. 1-15, janeiro/junho 2005.

Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/intexto/article/viewFile/4194/4904>

Acesso em: 17/08/2015

CIPOLINI, A. **Não é fita, é fato: tensões entre instrumento e objeto: Um estudo sobre a utilização do cinema na educação.** São Paulo: s.n, 2008. 159p. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: linguagem e educação) Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

COUTINHO, Mario Alves & Mayor, Ana Lucia Soutto. **Godard e a Educação.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

DEUS, A. L.S. **Cinema como arte na escola: uma experiência de alteridade.** X ANPED SUL, Florianópolis,2014.

Disponível em: http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/286-0.pdf

Acesso em:20/08/2015

DUARTE, R. ALEGRIA, J. Formação Estética Audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v.33, n 1, p 59-80, 2008.
Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/6687/4000>
Acesso em: 26/07/2015

FABRIS, E. H. Cinema e Educação: um caminho metodológico. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 33, n.1, p. 117-134, 2008. Disponível em em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/rer/v33n01/v33n01a10.pdf>>
Acesso em:26/12/2013

FREJAT, R. BARROS, M. STA. CECÍLIA, M. **Amor pra recomeçar**. Interprete: Frejat, R. Amor pra Recomeçar. Warner Music. 2002. 1CD.

FRESQUETI, A. **Cinema, Infância e Educação**. GE: Educação e Arte / n.01 Agência Financiadora: Sem financiamento, 2007.
Disponível em: http://30reuniao.anped.org.br/grupo_estudos/GE01-3495--Int.pdf
Acesso em:28/082015

FRESQUET, A. **Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

FRESQUET, A. **O cinema como arte na escola: um diálogo com a hipótese de Alain Bergala**. In: LEONEL, Juliana; MENDONÇA, Ricardo Fabrino (Orgs.). *Audiovisual comunitário e educação: histórias, processos e produtos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. p.44-45.

LÁZARO, A. Cultura e emoção: sentimento sonho e realidade. ROCHA, E.; **Cultura & imaginário**: interpretação de filmes e pesquisas de idéias. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

LEITE, C. D. P. Aprendizagem, Linguagem, Infância: Educação e (des)via Pedagógica- Reflexões sobre experiência e sala de aula. **Childhood&Philosophy**, v. 3 n.5, p. 1-15, 2007

MIGLIORIN, C. **Cinema e escola, sob o risco da democracia**.p 104-110, 2010.
Disponível em:
http://www.fe.ufrj.br/artigos/n9/9_posfacio_cinema_e_escola_104_a_110.pdf
Acesso em: 15/08/2015

MODRO, N. R. **Cineducação 2: usando o cinema na sala de aula**. Joinville/SC: Univille, 2006. Disponível em:
<http://www.modro.com.br/cinema/Livros/cineducacao2.pdf>
Acesso em: 18/08/2015

Modro, N. R. **O mundo jurídico no cinema**. Blumenau: NovaLetra, 2009. Disponível em: <http://www.viacomdigital.com.br/cineducacao/Livros/Mundo%20Jur%C3%ADdico.pdf>
Acesso em: 18/08/2015

MOREIRA, S. V. **Roquette Pinto, empreendedor de mídia educativa**1. XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 2002. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/41774187861945551592343733708390513634.pdf>
Acesso em: 18/08/2015

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo, Contexto, 2003.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. **Revista Contemporânea de Educação**, V. 5, n. 10 jul/ dez 2010.

TRUFFAUT, F. **Reflexões sobre as crianças e o cinema**. In: O prazer dos olhos. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

Prof. Dr. César Donizetti Pereira Leite (Orientador)

Hellen Priscila Martins (Orientanda)